

Eugénio de Andrade

AS PALAVRAS INTERDITAS
ATÉ AMANHÃ

prefácio de
Nuno Júdice

ASSÍRIO & ALVIM

UM ARTISTA DA LINGUAGEM

Publicados respectivamente em 1951 e 1956, *As Palavras Interditas* e *Até Amanhã* são livros em que se encontra, praticamente em cada poema, aquilo que fez, e faz, de Eugénio de Andrade o mais luminoso e claro dos nossos poetas do século XX. Um poeta luminoso em tempos sombrios, e um poeta claro numa época em que o que se queria dizer muitas vezes tinha de passar pela expressão codificada e hermética para os não iniciados, pode parecer uma contradição; mas Eugénio tinha aprendido essa clareza com dois poetas a quem uma certa simplicidade de linguagem e de imagens não diminuía a sua arte: António Botto e Federico Garcia Lorca. O primeiro muito longe, como é óbvio, da grandeza de Lorca, mas nem por isso menos perfeito nos momentos em que o poema resulta inteiro, como nas *Canções*, sendo através da sua convivência com Botto, como Eugénio me disse, que ouviu e descobriu a poesia de Pessoa num momento em que este estava longe de ter o reconhecimento universal que hoje tem.

Mas talvez tenha sido em Lorca, que ele tão bem traduziu, que Eugénio aprendeu a comunicação e o dizer musical do poema que, para quem o ouviu recitar a sua própria poesia, ganha com essa voz que era a sua um ritmo em que nada se perdia, e cada verso era saboreado sílaba a sílaba. Daí que o título *As Palavras Interditas* tenha um duplo sentido: o mais imediato que reenvia para o contexto censório da época; e outro mais profundo em que a associação da

palavra ao interdito tem algo de sagrado, o que dá ao leitor uma escolha que nunca reduz o poema ao imediato, embora de modo algum complique a sua compreensão. E vem daqui a outra qualidade desta poesia, que é a sua capacidade de comunicar com o leitor, muitas vezes sem que este se aperceba do que se encontra para lá dessa aparente facilidade de expressão.

Ela decorre acima de tudo do facto de que o espaço da poesia de Eugénio de Andrade é o espaço das palavras. Palavras iluminadas, ou palavras interditas, alinham-se na superfície do poema, recuperando o sentido transparente de uma voz que não se cansa de as restituir à pureza da luz inicial, a luz do campo tal como a luz do mar, limpando-as da noite citadina, e das trocas de conveniência que regulam a vida deserta e doente das cidades. Mas mesmo na cidade que «foi decepada», vigiada pelas «sentinelas do medo», é possível encontrar um espaço para o amor, e nesse espaço que por vezes se reduz a um «quarto branco e despovoado» basta um retrato para levar o poeta para outra dimensão onde se adivinha um discreto toque de interseccionismo:

«Posso então deitar-me ao pé do teu retrato,
entrar dentro de ti como num bosque.»

Paradoxalmente, dentro desta luz que nasce de um sonho de pureza e de transfiguração do ser, germina também essa imagem angélica que se dá a ver através da rigorosa musicalidade destes versos. Anjo, ou figura de uma juventude eterna, é uma figura encoberta que mal deixa adivinhar uma sede de amor apenas murmurada. Passam por estes poemas os diálogos com essa sombra

PRIMEIRAMENTE

Acordo sem o contorno do teu rosto na minha almofada, sem o teu peito liso e claro como um dia de vento, e começo a erguer a madrugada apenas com as duas mãos que me deixaste, hesitante nos gestos, porque os meus olhos partiram nos teus.

E é assim que a noite chega, e dentro dela te procuro, encostado ao teu nome, pelas ruas álgidas onde tu não passas, a solidão aberta nos dedos como um cravo.

Meu amor, amor de uma breve madrugada de bandeiras, arranco a tua boca da minha e desfolho-a lentamente, até que outra boca — e sempre a tua boca — comece de novo a nascer na minha boca.

Que posso eu fazer senão escutar o coração inseguro dos pássaros, encostar a face ao rosto lunar dos bêbados e perguntar o que aconteceu.

AS PALAVRAS INTERDITAS

Os navios existem, e existe o teu rosto
encostado ao rosto dos navios.
Sem nenhum destino flutuam nas cidades,
partem no vento, regressam nos rios.

Na areia branca, onde o tempo começa,
uma criança passa de costas para o mar.
Anoitece. Não há dúvida, anoitece.
É preciso partir, é preciso ficar.

Os hospitais cobrem-se de cinza.
Ondas de sombra quebram nas esquinas.
Amo-te... E entram pela janela
as primeiras luzes das colinas.

As palavras que te envio são interditas
até, meu amor, pelo halo das searas;
se alguma regressasse, nem já reconhecia
o teu nome nas suas curvas claras.

Dói-me esta água, este ar que se respira,
dói-me esta solidão de pedra escura,

estas mãos nocturnas onde aperto
os meus dias quebrados na cintura.

E a noite cresce apaixonadamente.
Nas suas margens nuas, desoladas,
cada homem tem apenas para dar
um horizonte de cidades bombardeadas.

ADEUS

Como se houvesse uma tempestade
escurecendo os teus cabelos,
ou se preferes, a minha boca nos teus olhos,
carregada de flor e dos teus dedos;

como se houvesse uma criança cega
aos tropeções dentro de ti,
eu falei em neve, e tu calavas
a voz onde contigo me perdi.

Como se a noite viesse e te levasse,
eu era só fome o que sentia;
digo-te adeus, como se não voltasse
ao país onde o teu corpo principia.

Como se houvesse nuvens sobre nuvens,
e sobre as nuvens mar perfeito,
ou se preferes, a tua boca clara
singrando largamente no meu peito.

AS PALAVRAS INTERDITAS

Primeiramente	17
As palavras interditas	19
Adeus	21
Litania	22
Canção	24
Retrato com sombra	25
Viagem	27
Não é verdade	28
Vegetal e só	30
Elegia e destruição	31
Procuro-te	33
Os olhos rasos de água	35
Rosto afogado	36
Mar, mar e mar	38
<i>Post scriptum</i>	40

ATÉ AMANHÃ

Coração habitado	43
Juventude	44
Até amanhã	45
Contigo	46

Apenas um corpo	47
Metamorfoses da palavra	49
Serenata	50
Quase madrigal	51
Ah, falemos da brisa	52
Urgentemente	54
Rapariga descalça	55
Frente a frente	56
Matinal	57
Na orla do mar	58
Retrato	59
Epitáfio para um marinheiro morto quando jovem	60
Canção desesperada	61
Litania	62
Ecos de verão	63
Canção	64